

A PRIMEIRA EDIÇÃO BRASILEIRA DO “PRIMEIRO POETA BRASILEIRO”: A PUBLICAÇÃO DE 1873 DA *PROSOPOPEIA*, ALGUMAS ROTAS DE LEITURA E NOVOS CAMINHOS DA CRÍTICA AO POEMA¹

.....
Ana Paula Gomes do Nascimento

I. A CARTA DO ACHAMENTO DA *PROSOPOPEIA*

A edição de 1873 da *Prosopopeia* de Bento Teixeira (c. 1561-1600), que contou com a autorização do Governo Imperial, é a primeira publicação do poema feita no Brasil. Foi realizada graças aos esforços enviados por Benjamin Franklin Ramiz Galvão (1846-1938), que assina o texto introdutório da edição como bibliotecário da Biblioteca Nacional e Pública do Rio de Janeiro – ele era, na verdade, diretor da instituição desde 1870. Conta Ramiz Galvão que após muitas tentativas infrutíferas de localizar um exemplar do poema, tanto em Portugal quanto no Brasil, o “Barão de Porto-Seguro teve a boa estrela de achá-lo na Biblioteca Pública de Lisboa”. Diz ainda que foi em 18 de julho de 1872 que tal “feliz descobrimento” ocorreu, feito que foi a ele comunicado pelo barão por carta.

1. Artigo elaborado a partir da pesquisa realizada no acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – BBM-USP, no contexto do Edital de Pesquisa nos Acervos da USP (2017). O projeto contemplado no edital intitulou-se “Uma Prosopopeia e Quatro Séculos de Leituras Transatlânticas: Rotas da Crítica e Novos Rumos”.

A esse descobrimento se seguiu o de um exemplar do poema no Rio de Janeiro, pois, como um “santelmo de viagem”, a carta de Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878) relatando a novidade iluminou a busca de Ramiz Galvão. Por essa razão, o achamento do exemplar deveria, segundo Ramiz Galvão, ser computado às demais glórias de Varnhagen, constituindo mais um motivo para que as “letras pátrias” agradecessem a “esse distinto brasileiro” por “seu assinalado serviço” em prol destas.

Devidamente inserida na pauta da sessão de 8 de novembro de 1872 do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), a notícia foi dada aos demais membros da instituição na presença de ninguém menos do que Dom Pedro II. De fato, ao verificar as *Atas*² das sessões do IHGB durante todo o ano de 1872 encontra-se a informação de que muitas das sessões, pelo menos daquele ano, foram “honrada[s] com a augusta presença de S. M. o Imperador”.

A 13^a. sessão de 1872 foi presidida pelo Visconde do Bom Retiro³ e nela se registrou o recebimento de diversas publicações, discursos e também de “vários jornais e periódicos enviados pelas respectivas redações”, o que demonstra o reconhecimento do papel do IHGB como órgão centralizador das notícias e das publicações sobre a nação. Logo após a seção da ata intitulada Ordem do Dia consta o apontamento de que Ramiz Galvão encontrou um exemplar da *Prosopopeia* de 1601 e a observação de que, apresentado

[...] ao Instituto o referido exemplar, que se acha em um dos volumes da preciosa coleção Barbosa Machado, o Sr. Dr. Ramiz Galvão fez algumas considerações sobre a importância deste raríssimo opúsculo, e comprometeu-se a oferecer à sociedade uma cópia exata e fiel do poema, acompanhando-a de algum trabalho analítico para que o mesmo Instituto, se assim julgar conveniente, lhe dê inserção em sua *Revista Trimensal*⁴.

Como se vê, a intenção inicial, modesta, de Ramiz Galvão era de inserir uma “cópia exata e fiel do poema, acompanhando-a de algum trabalho analítico” na *Revista Trimensal do IHGB*, mas acabou logrando realizar uma edição autônoma. Ao que tudo indica, a intervenção de Ramiz Galvão foi o ponto alto da reunião daquela noite, pois após esse comunicado registra-se apenas que o “mesmo Sr. Dr. Ramiz Galvão continuou com a leitura da *História da Imperial Fazenda Santa Cruz*,

2. *Revista Trimensal do IHGB*, 1872.

3. Luiz Pedreira do Couto Ferraz (1818-1886). Há uma litografia feita por Sebastien Auguste Sisson (1824-1898) em 1861. Disponível no site da BBM-USP.

4. *Revista Trimensal do IHGB*, 1872, p. 591.

escrita pelo Sr. Dr. José de Saldanha da Gama” e que, terminada esta, “o Sr. presidente, obtendo vênias de S. M. o Imperador, levantou a sessão”⁵.

Desse modo, apenas um curto período de tempo se passou entre a carta de Varnhagen para Ramiz Galvão, o achamento do exemplar na Biblioteca Nacional e a primeira publicação brasileira da *Prosopopeia*, que ocorreu na cidade do “Rio de Janeiro, aos 23 de Janeiro de 1873”. Isso ressalta que a autorização de publicação solicitada junto ao Governo Imperial de fato foi “prontamente concedida” e as condições para sua elaboração pela Typographia do Imperial Instituto Artístico foram rapidamente colocadas à disposição de Ramiz Galvão.

A edição contou com a colaboração de um dos fundadores do mencionado Instituto, o senhor H. Fleiuss (1823-1882), “que se encarregou do trabalho artístico” do poema “com um zelo digno de todo encômio”. Fundado em 1860 pelos irmãos Henrich e Karl Fleiuss, juntamente com Karl Linde, o Instituto Artístico passou a se chamar, no ano de 1863, Imperial Instituto Artístico, “em decorrência do título honorífico concedido pelo Imperador Pedro II”⁶. Trata-se, portanto, de mais uma instituição que contava, se não com o mecenato, pelo menos com o apoio de Pedro II, tal como o próprio IHGB.

A contribuição de Fleiuss foi fundamental, pois Ramiz Galvão informa que o objetivo do cuidado com a apresentação gráfica⁷ era o de “reproduzir com a maior fidelidade possível o exemplar de 1601” como “modernamente se pratica com obras d’este gênero em Alemanha, França, Inglaterra e outros países”. Por essa mesma razão optou-se por não corrigir os erros ou atualizar a grafia do original daquele que Ramiz Galvão avaliou como o “curioso poemeto de Bento Teixeira”.

DUAS VEZES DIOGO BARBOSA MACHADO

De acordo com o informe de Ramiz Galvão, a *Prosopopeia* encontrada no Rio de Janeiro estava entre os volumes pertencentes inicialmente à Biblioteca Nacional da Corte, o precioso acervo que a família real portuguesa despachara como parte de sua bagagem, quando da fuga de Napoleão em novembro de 1807. Esquecida, porém, no porto de Lisboa, a biblioteca só seria efetivamente embarcada para o Brasil a partir de 1810.

5. *Idem, ibidem*.

6. Cf. Fleiuss, *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa23124/fleiuss>>.

7. Cf. Ramiz Galvão (org.), *Prosopopeia*, 1873, p. iv: “afora alguma diferença de tipo, nos demais, – no que respeita a gravuras, paginação, ortografia, etc. é perfeita a identidade entre o exemplar de 1601 e os que ora saem a lume”.



Frontispício da edição de 1873:

“A IORGE DALBVQVERQVE...” (trabalho realizado por H. Fleiuss). Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000009157&bbm/4060#page/8/mode/2up>>. Acesso em: 22 jan. 2018.)

De maneira mais precisa, Ramiz Galvão informa que o poema fazia parte da coleção Barbosa Machado, sabiamente avaliada pelo bibliotecário como “um dos inestimáveis tesouros deste estabelecimento”. O acadêmico Diogo Barbosa Machado (1682-1772) – Ramiz Galvão o identifica como um bibliófilo – doou seu acervo para a Real Biblioteca de D. José I no ano de 1770. D. José I foi o monarca que se empenhou arduamente em reconstruir a Real Biblioteca logo após o terremoto, o qual acometeu Lisboa em 1755 e danificou ou destruiu boa parte do acervo.

Depois do retorno de D. João VI para Portugal em 1821 e da subsequente Independência do Brasil em 1822, o Império brasileiro teve de pagar uma indenização significativa para manter o acervo no país⁸. Foi assim que o acervo de Barbosa Machado ficou na cidade do Rio de Janeiro e nele se conservou um dos raríssimos exemplares da *Prosopopeia* de Bento Teixeira.

Muito antes desses acontecimentos, porém, foi graças a um verbete de Barbosa Machado, na *Biblioteca Lusitana*, que a memória do poeta Bento Teixeira não se perdeu de todo na voragem do tempo. A mais famosa obra do Abade de Sever é, sem dúvida, esse repertório bibliográfico (com quatro volumes, publicados entre 1741 e 1759), que foi dedicado a D. João V (1706-1750), que fundou a Academia Real da História Portuguesa em 1720. Barbosa Machado informa com grande orgulho, no registro da *Biblioteca Lusitana* dedicado a seu próprio nome, que figurou entre os “cinquenta primeiros Acadêmicos de que se formou esta eruditíssima Sociedade” e toda a pompa da edição de sua obra indica sua plena inserção no projeto joanino.

No importante verbete que menciona a *Prosopopeia*, por sua vez, Barbosa Machado registrou para as gerações futuras a existência de certo Bento Teixeira Pinto, “natural de Pernambuco igualmente perito na Poética que na História”⁹. Além de fazer esse grande elogio – é visível o apreço do abade por ambas as artes em seus escritos –, Barbosa Machado também atribuiu a esse “pernambucano” as seguintes obras:

Prosopopeya Dirigida a Jorge de Albuquerque Coelho Capitão, e Governador de Pernambuco Noua Lusitania. Lisboa por Antonio Alvares 1601. 4. São outavas juntamente com a *Relaçã do Naufragio que Fez o Mesmo Jorge Coelho Vindo de Pernambuco em a Não Santo Antonio em o Anno de 1565*¹⁰.

Dialogo das Grandezas do Brasil em que São Interlocutores Brandonio, e Alvia-no. M. s. Consta de 106 Folhas. Trata de muitas curiosidades pertencentes à Corografia, e historia natural daquellas Capitaniãs. Conserva-se na Livraria do Conde de Vimieiro.

8. Toda essa trajetória é narrada por Lília Moritz Schwarcz em *A História de uma Biblioteca: A Real Biblioteca e a Sina Comum e Apartada de Brasil e Portugal*. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/projetos/200anos/realBiblioteca.html>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

9. Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, tomo 1, p. 512.

10. Na entrada sobre a *Prosopopeia*, Barbosa Machado não deixa claro se considera que “Bento Teixeira Pinto seria autor também da *Relaçã do Naufragio*”, como Bernardo Gomes de Brito (1688-1759) afirmou no segundo volume da sua *História Trágico-Marítima* (1736). Do mesmo modo, Barbosa Machado informa que a *Relaçã* saiu “2ª vez impressa” dentre as páginas 1 a 59 do segundo volume da *História*, mas a formulação é ambígua, sendo possível inferir que a *Prosopopeia* também teria sido novamente impressa em 1736.

Essa abonação pareceu indicar que estávamos diante de um dos primeiros – senão do primeiro – brasileiros a ganhar imprensa no reino e essa foi a conclusão a que os letrados do século XIX chegaram. Rubens Borba de Moraes¹¹ informou, em seu artigo “Muitas Perguntas e Poucas Respostas sobre o Autor da *Prosopopeia*”, que em “princípios do século XIX” Ferdinand Denis (1798-1890) descobriu Bento Teixeira “e avisou o público que ele parecia ser o primeiro poeta brasileiro em ordem cronológica”. Desse modo, Moraes indica que é a partir da aprovação de Denis que o autor se estabeleceu como tal e percebe que Joaquim Norberto (1820-1891), “em 1841, já não titubeia em proclamá-lo o primeiro poeta brasileiro”.

Os autores do século XVIII na colônia brasileira, porém, pareciam desconhecer a *Prosopopeia*, pois em 1705 – muito antes, é verdade, do verbete da *Biblioteca Lusitana* – Manoel Botelho de Oliveira (1636-1711) afirmou ser “o primeiro filho do Brasil, que [fez] pública a suavidade do metro”. Assim também, agora bem mais tarde do que o famigerado verbete, José de Santa Rita Durão (c. 1722-1784) afirmou, nas *Reflexões Prévias e Argumento ao Caramuru* (1781), que acreditava que os “sucessos do Brasil não mereciam menos um Poema, que os da Índia” e que “o amor da Pátria” incitou-o “a escrever este [épico]”.

Botelho de Oliveira, portanto, parecia desconhecer a existência do poeta Bento Teixeira, assim como Santa Rita Durão não tinha notícia de que a *Prosopopeia* havia desenvolvido, já em 1601, um assunto “brasileiro” por meio de um poema de estrutura épica.

Assim, mesmo que a fama de Bento Teixeira aparentemente tenha ficado restrita à menção na *Biblioteca Lusitana* durante boa parte do século XVIII, no século XIX sua fortuna será bastante diferente, desde o pronunciamento de Ferdinand Denis. O auge dessa consagração, portanto, será em 1873, quando Ramiz Galvão fala da *Prosopopeia* de Bento Teixeira como “um dos primeiros documentos de nossa história literária” e “mui provavelmente, que o saibamos, o primeiro trabalho poético publicado em Portugal por filho d’este nosso caro Brasil”¹².

11. Rubens Borba de Moraes, “Muitas Perguntas e Poucas Respostas sobre o Autor da *Prosopopeia*”, pp. 78-88.

12. Ramiz Galvão (org.), *Prosopopeia*, p. V.

BENTO TEIXEIRA, FILHO DESTE NOSSO CARO BRASIL

Esta outra independência não tem Sete de Setembro nem campo de Ipiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ela até perfazê-la de todo.

MACHADO DE ASSIS, “Notícia da Atual Literatura Brasileira: Instinto de Nacionalidade”, 24 de março de 1873.

Não se deve deixar de observar, porém, que “ser filho do Brasil” claramente tem significados muito diferentes antes e depois de 1822. No período de consolidação do Brasil independente de Portugal, Bento Teixeira será alvo do interesse de intelectuais como Varnhagen e Ramiz Galvão exatamente porque se acreditava que ele fosse “natural de Pernambuco no século XVI” e, ao mesmo tempo, “brasileiro” num sentido que só surgirá no século XIX. Acima de tudo, sua poesia será lida como possuidora de elementos *nativistas* e *nacionalistas*, tais como a descrição da paisagem brasílica e a etimologia de palavras indígenas.

Até esse momento ninguém questionava a abonação de Barbosa Machado quanto ao local de nascimento do poeta, situação que será alterada em 1929, quando Rodolfo Garcia edita a *Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil – Denúncias de Pernambuco* e encontra denúncias contra um Bento Teixeira, cristão-novo, natural do Porto. Em 1952, com a localização na Torre do Tombo do processo de Inquisição de número 5206 por José Antônio Gonsalves de Melo, mais notícias sobre Bento Teixeira, acusado de crime judaizante, foram levantadas. Desde então, parece não haver mais dúvidas sobre o local de nascimento de Bento Teixeira – sim, eu me refiro à cidade do Porto – o que derrubou o *status* deste como “o primeiro poeta brasileiro a ganhar imprensa em Portugal”. Por outro lado, a ideia de que nosso poeta fosse, na verdade, um cristão-novo deu origem, no século XX, a leituras que identificam mensagens criptojudais na *Prosopopeia*. Essas leituras são realizadas com base no trabalho da professora Anita Novinsky, do Departamento de História da FFLCH-USP, que se ocupou de questões sobre a (in)tolerância no período colonial brasileiro e que organizou um importante congresso sobre a Inquisição em 1987, dentre outros estudos nessa temática.

Olhando outra vez para o século XIX, porém, Antônio Soares Amora (1917-1999) soube identificar muito certamente por que razão um exemplar da *Prosopopeia* foi tão avidamente procurado pela geração do IHGB:

Chegado o século XIX, e iniciado no Brasil o movimento de emancipação cultural e literária, e conseqüentemente um movimento crítico e historiográfico empenhado em formar, no jovem país, a consciência de um patrimônio literário em gênese desde o século XVI – natural foi que do poemeto interessadamente se ocupassem nossos primeiros críticos e historiadores: a *Prosopopeia*, canto de louvor dos Coelhos e Albuquerque, fundadores, conquistadores e construtores da Capitania de Pernambuco, uma das mais importantes donatárias [sic] do século XVI, *poderia bem ser, no plano estético, pensou-se então, a primeira afirmação da literatura de um Brasil em gênese*¹³.

Do mesmo modo, João Adolfo Hansen¹⁴ observa que os intelectuais do IHGB (fundado em 1838) tinham grande interesse pelo período colonial brasileiro, algo que pode ser demonstrado facilmente por meio de um levantamento dos assuntos colocados em pauta nas sessões e nas publicações do Instituto. Apesar disso, Hansen evidencia que a apropriação desse material ocorrerá em função do objetivo de consolidar o Brasil como um Estado-Nação, o que certamente tem implicações para o modo de construir não apenas uma “história da literatura brasileira”, mas também uma “História do Brasil”.

A PROSOPOPEIA SEM O RELATO (1873) E O RELATO SEM A PROSOPOPEIA (1736)

A folha de rosto da *Prosopopeia* de 1873 traz a informação de que esta se trata de uma “[r]eprodução fiel da edição de 1601 *segundo exemplar existente na Bibliotheca Nacional e Pública do Rio de Janeiro*” (grifo nosso). Esse dado aparece aqui destacado porque explica a razão de o poema de Bento Teixeira ter sido “desgarrado” do relato do *Naufrágio que Passou Jorge Dalbuquerque, Capitão e Governador de Paranambuco*.

De fato, a *Prosopopeia* que saiu em Lisboa em 1601 está apenas à relação do *Naufrágio que Passou Jorge Dalbuquerque, Capitão e Governador de Paranambuco*, nessa edição se encontra a informação de que o que correrá impressa é uma segunda edição do relato, com nova tiragem de mil exemplares. Encontra-se, ainda, a observação de que a *Prosopopeia* que vai anexa ao relato teria sido esquecida na primeira edição.

Saber que a *Prosopopeia* era inicialmente um apenso a um relato de naufrágio é algo relevante para o crítico que se propõe a estudar essa obra. Com efeito, o poema parece compartilhar do mesmo “fundamento

13. Antônio Soares Amora, “A Prosopopeia, de Bento Teixeira, à Luz da Moderna Camonologia”, pp. 402-403 (grifo nosso).

14. Referência a aulas do curso de pós-graduação ministradas pelo professor e doutor João Adolfo Hansen no DLCV (FFLCH-USP) durante o segundo semestre de 2016.

histórico” do relato, pois episódios que são narrados neste reaparecem elaborados com elevação épica na *Prosopopeia*.

Apesar disso, José Galante de Sousa (1913-1986) observou que o exemplar da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro continha “somente a *Prosopopeia*”¹⁵. Rubens Borba de Moraes (1899-1986), bibliófilo, bibliotecário e bibliógrafo, que foi diretor da BN-RJ entre os anos de 1945 a 1947 e que, portanto, conhecia bem a coleção Barbosa Machado, informa que o referido abade não só viu a edição de 1601 da *Prosopopeia* como “possuía um exemplar” desta e com ele fez “o que costumava fazer com muitos de seus livros: dividiu-o em duas partes”. Moraes segue explicando que com o *Naufrágio* “não sabemos o que fez”, mas que a *Prosopopeia* “mandou ele encadernar juntamente com outros folhetos e poesias arrancadas de outros livros”, de modo a formar “o volume que está hoje” na BN-RJ¹⁶.

Isso indica que, pelo menos para Ramiz Galvão, era de fato fiel, pois tinha em mãos uma obra que circulou de maneira independente do relato. Por outro lado, Varnhagen teve acesso, na Biblioteca Pública de Lisboa, à edição “completa” de 1601 – sabemos disso, pois foi com base nessa edição que ele corrigiu informações dadas por Barbosa Machado e por Bernardo Gomes de Brito (1688-1759). No apêndice de 1872 ao *Florilégio da Poesia Brasileira*, por exemplo, Varnhagen informa que “o dito poema [acha-se] anexo à 2ª. edição da relação da viagem da nau Santo-Antônio, em 1565” e que tal “relação não [foi] escrita pelo mesmo Bento Teixeira, que não vinha a bordo, e seria então criança”¹⁷.

É dessa forma que Ramiz Galvão vem a afirmar em 1873 “que é este o único trabalho pertencente ao nosso conterrâneo Bento Teixeira de quantos lhe foram atribuídos pelo douto abade de Santo Adrião de Sever”, sendo “esta pelo menos a [sua] humilde opinião, depois do que tão sabiamente ponderou o senhor Barão de Porto Seguro em sua carta de 8 de outubro de 1872”. Em outras palavras, Ramiz Galvão recebeu durante o ano de 1872 vários informes da pesquisa de Varnhagen sobre o impresso de 1601. Borba de Moraes¹⁸ menciona, ainda, que Varnhagen “escreveu ao Ministro do Exterior” e “revelou o verdadeiro autor do *Naufrágio*” como sendo o piloto Afonso Luís, numa carta que chegou a ser publicada “no *Diário Oficial do Império* de 6 de novembro de 1873”. Isso comprova, entre outras coisas, o grau de relevância conferido ao “caso Bento Teixeira”.

15. José Galante de Sousa, *Em Torno do Poeta Bento Teixeira*, p. 87.

16. Rubens Borba de Moraes, “Muitas Perguntas e Poucas Respostas sobre o Autor da *Prosopopeia*”, p. 88.

17. Francisco Adolfo de Varnhagen, *Florilégio da Poesia Brasileira*, p. 7.

18. Rubens Borba de Moraes, “Muitas Perguntas e Poucas Respostas sobre o Autor da *Prosopopeia*”, p. 86.



Frontispício da edição de 1601:
“NAVFRAGIO, QVE...” (elaborado na
tipografia de Antônio Álvares). Fonte:
Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível
em: <http://purl.pt/22627/4/res-392-p_PDF/res-392-p_PDF_24-C-R0150/res-392-p_0000_capa-capa_t24-C-R0150.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2018.

Nesse sentido, quando a *Prosopopeia* é publicada em 1873 no Rio de Janeiro sem o relato, o efeito que se alcança é o de que estamos diante de uma obra de “assunto totalmente brasileiro”, que nada tem a ver com uma narrativa que louva a empresa portuguesa da navegação e a construção do império marítimo português. Varnhagen certamente poderia ter feito uma observação sobre a condição original da *Prosopopeia* como – mero? – *apenso* a um relato de naufrágio, mas não o fez.

Da mesma forma, quando Bernardo Gomes de Brito descartou a *Prosopopeia* ao reelaborar o que ele renomeou como relato do *Naufrágio que Passou Jorge de Albuquerque Coelho Vindo do Brasil para Este Reino no Ano de 1565, Escrito por Bento Teixeira, que se Achou no Dito Naufrágio* (na sua *História Trágico-Marítima*, 1736, II vol.), o efeito foi

exatamente o oposto. Aparentemente, um pequeno poema de assunto brasileiro pouco poderia contribuir para a intenção de Gomes de Brito de engrandecer a memória das aventuras marítimas de Portugal.

A PALAVRA DO BARÃO VS. A PALAVRA DO ABADE

Muitos bibliógrafos, brasileiros e portugueses, tais como Jorge César de Figanière, em 1850, e Inocêncio da Silva, a partir de 1858, ainda utilizam em grande medida a *Biblioteca Lusitana* de Barbosa Machado como referência. Apesar de já perceberem nela algumas “imprecisões”, esses autores acabam se apresentando como continuadores do abade, sem investigar exaustivamente as informações que ele traz. Francisco Adolfo de Varnhagen, por sua vez, terá atitude diferente ao confrontar a mesma obra.

Com base nas indicações do abade, Varnhagen não faz ciência de gabinete, mas parte em diferentes missões à procura de documentos que comprovem as afirmações deste. Enquanto não localiza um documento ou uma evidência histórica, Varnhagen não faz nenhuma afirmação ou, às vezes, corrige afirmações anteriores se essas se revelam infundadas. Tendo o então barão – Varnhagen será elevado a visconde em 1874 – percorrido muitos arquivos e devassado diversas bibliotecas, a próxima geração o utilizará como fonte, da mesma forma como até então se utilizava a obra de Barbosa Machado.

Assim, no Brasil do século XIX, Francisco Adolfo de Varnhagen “destrona” Diogo Barbosa Machado como referência, bem como os métodos da Academia Real da História Portuguesa (1720) vão ser substituídos pelos de outro tempo e de outra instituição,¹⁹ o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (1838).

A EDIÇÃO DE 1873 NO ACERVO DA BBM

A Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – BBM-USP possui um exemplar da edição de 1873 da *Prosopopeia* com a assinatura de Benjamin Franklin Ramiz Galvão. Trata-se de um impresso que foi oferecido por ele à Biblioteca Pública de Lisboa, onde, conforme vimos, começou o trajeto que culminou na publicação do poema no contexto do Império brasileiro.

José Mindlin (1914-2010) afirmou certa vez que “se nenhuma biblioteca se dispersasse, novos colecionadores teriam uma vida difícil”²⁰.

19. Para a discussão sobre o método filológico, próprio do século XIX, empregado por Varnhagen, consulte-se João Adolfo Hansen & Marcello Moreira, *Para que Todos Entendas: Poesia Atribuída a Gregório de Matos e Guerra*.

20. José Mindlin, “Rubens Borba de Moraes: Um Intelectual Incomum”, p. 111.



Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/view/?4500009157&bbm/4060#page/8/mode/2up>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

Tal declaração foi feita numa entrevista, publicada em data próxima ao centenário do nascimento de outro grande colecionador particular, o já mencionado Rubens Borba de Moraes. Assim, mais uma vez, na dispersão de um acervo originalmente português, um exemplar do poema de Bento Teixeira retornou ao Brasil, agora em novo momento e com novas camadas de história e de significações. De todo modo, fechou-se pelo menos esse ciclo em torno da *Prosopopeia*.

Esse retorno do exemplar ao país demonstra, principalmente, o que Antônio Soares Amora havia percebido em 1957, quando formulou a opinião de que a *Prosopopeia* se tornou uma “questão brasileira” e Bento Teixeira “um verdadeiro ‘caso’, que merece estudo pelo que documenta da evolução do espírito e dos métodos da crítica e da política literária brasileira, de novecentos, em face da antiga Mãe-Pátria”²¹. De fato, a crítica portuguesa quase não faz menções a esse poeta, ao passo que, por razões óbvias, a história da literatura brasileira não pôde ser escrita sem ele.

Apesar da relevância de Bento Teixeira para a poesia e para a história brasileiras de finais do século XVI, sua condição de “poeta do período colonial” será lida e relida em função dos diferentes momentos da “política literária” brasileira, nos termos de Soares Amora. Acima de tudo, é possível perceber, tendo observado os bastidores que levaram à edição de 1873 da *Prosopopeia*, que tal “política literária” foi construída durante o império de Pedro II, em função de seu projeto de nação para o Brasil.

II. ROTAS DA CRÍTICA DESDE A EDIÇÃO DE 1873 OU O INSTINTO DE NACIONALIDADE DA CRÍTICA DO SÉCULO XIX

A sorte dos livros depende da capacidade do leitor.

TERENCIANO MAURO citado por Rubens Borba de Moraes.

Em 1850, quando publicou o seu *Florilégio da Poesia Brasileira*, Varnhagen não incluiu Bento Teixeira no rol dos poetas coloniais, pois, possivelmente, desconfiava da abonação do abade. Em 1872, porém, publicou um apêndice a essa obra, no qual afirma que os “[...] versos que damos de Bento Teixeira Pinto, o mais antigo dos poetas *brasileiros*, são copiados do único exemplar, que talvez exista, da sua *Prosopopeia*, edição de 1601, o qual se guarda na Bibliotheca Pública de Lisboa”²².

21. Antônio Soares Amora, “A *Prosopopeia*, de Bento Teixeira, à Luz da Moderna Camonologia”, p. 3.

22. Francisco Adolfo de Varnhagen, *Florilégio da Poesia Brasileira, Contendo, um Novo Suplemento, com Produções de Vinte e Quatro Poetas Ainda Não Contemplados*. 1872, p. 7 (grifo nosso).

Para constar no *Florilégio* Varnhagen escolhe, de acordo com o seu critério de “brasileidade”, apenas a “Descrição do Recife de Pernambuco” dentre as 94 estâncias que formam a *Prosopopeia*. No prefácio da edição de 1850 do *Florilégio* ele já expressava os seus critérios de escolha:

Como o entusiasmo que temos pela América, onde vimos a luz, e a fé no desenvolvimento futuro de sua poesia, era um dos nossos estímulos, julgamos dever dar *sempre preferência a esta ou àquela composição mais limada, porém semigrega, outra embora mais tosca, mas brasileira, ao menos no assunto*. Esta decisão nos facilitou a empresa, e cremos que esta coleção adquirirá com isso mais interesse para o leitor europeu, ao passo que deve lisonjear o americano, *vendo que já vai para dois séculos no Brasil havia quem julgava que se podia fazer poesia sem ser só com coisas de Grécia e Roma*²³.

Varnhagen vê na descrição do Recife de Pernambuco uma prova de que a poesia de Bento Teixeira já prescindia de “Grécia e Roma”, assim como a poesia dos românticos do XIX, além de identificar a *Prosopopeia* como “brasileira, ao menos no assunto”. Trata-se de um tipo de leitura que será muito comum, do século XIX em diante, ao abordar obras publicadas entre os séculos XVI a XVIII.

O que Varnhagen parece não perceber, porém, é que por mais que o assunto do poema de Bento Teixeira seja brasileiro, suas técnicas de representá-lo são todas “de Grécia e Roma”, muito provavelmente aprendidas nos colégios jesuítas. De fato, essa afirmação de Varnhagen se mostra incorreta quando se observa que as nossas letras surgem intimamente ligadas com as portuguesas – atreladas, por sua vez, à memória do costume retórico-poético greco-latino –, já que os poetas do período colonial operam o que Ivan Teixeira percebe como um “processo de inclusão do Brasil no código civilizado da Europa”²⁴. Nesse sentido, até mesmo a paisagem brasileira presente nessa poesia aparece “não como expressão de sentimento nativista [...], mas como adequação da paisagem local a tópicos e processos da poesia europeia do período”²⁵.

Ramiz Galvão, por sua vez, julga que ainda “que lhe poderíamos apontar alguns versos de inspiração feliz, cumpre reconhecer que não é grande o merecimento poético da *Prosopopeia*”. No entanto,

23. *Idem*, 1850, pp. III-IV (grifo nosso).

24. Ivan Teixeira, *Raízes*, p. 31.

25. *Idem*, p. 36.

pondera que “seu valor histórico e bibliográfico não tem contestação possível”²⁶, inaugurando outra vertente de enunciados críticos que valorizará o poema apenas como “documento histórico”.

O editor de 1601, Antônio Ribeiro, havia feito uma avaliação semelhante da *Prosopopeia*, ao julgá-la como texto de “ânimo mais afeiçoado que poético”. Adma Muhana²⁷ observa que o “julgamento daquele que organizou” a primeira edição da *Prosopopeia* “parece ressoar em todos os demais críticos” e que “esse primeiro juízo crítico, que [...] desclassificará [Bento Teixeira] nos séculos posteriores como poeta, para classificá-lo, cristão-novo penitente, como pouco menos que um bajulador de autoridades” é o que prevalecerá.

Outro trecho bastante “batido” na rota de leitura do poema consiste na afirmação de que a *Prosopopeia* de Bento Teixeira não passaria de uma espécie de imitação inferior de *Os Lusíadas* de Luís de Camões (1572). Antônio Soares Amora, em 1957, já havia se rebelado contra essa percepção e os críticos do século XXI defenderão a mesma opinião.

NOVOS RUMOS DA CRÍTICA EM TORNO DA *PROSOPOPEIA*

Compreendendo que não está na vida indiana todo o patrimônio da literatura brasileira, mas apenas um legado, tão brasileiro como universal, não se limitam os nossos escritores a essa só fonte de inspiração. Os costumes civilizados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de hoje, igualmente oferecem à imaginação boa e larga matéria de estudo. Não menos que eles, os convida a natureza americana, cuja magnificência e esplendor naturalmente desafiam a poetas e prosadores.

MACHADO DE ASSIS, “Notícia da Atual Literatura Brasileira: Instinto de Nacionalidade”, 24 de março de 1873.

Ivan Teixeira, em “Raízes”²⁸, texto introdutório ao *Roteiro da Poesia Brasileira*, indica que a “*Prosopopeia* será camonianiana, não apenas na imitação calculada do estilo épico de Camões, genericamente concebido [...]”, mas que existe verdadeira “relação de dependência sintagmática” entre a *Prosopopeia* e “um episódio específico de *Os Lusíadas*”. Comparando ambos os poemas, Teixeira chega à seguinte hipótese com relação à *Prosopopeia*: “Bento Teixeira teria escrito *Prosopopeia* como variação

26. Ramiz Galvão, “Ao Leitor”, em Bento Teixeira, *Prosopopeia*, p. v.

27. Adma Fadul Muhana, “A *Prosopopeia* de Bento Teixeira: Epopeia de Derrotas”, p. 14.

28. Ivan Teixeira, *Raízes*, p. 20.

imaginosa do Concílio dos Deuses Marinhos de *Os Lusíadas*, que ocupa as estrofes 7-30 do canto VI do poema”²⁹.

De fato, entre as estrofes 27-35 desse canto, Baco faz um discurso inflamado contra os portugueses em meio ao Concílio dos Deuses Marinhos. Sua fala gera ira nos corações dos deuses, que ordenam que Éolo “solte as fúrias dos ventos repugnantes, / [para] Que não haja no mar mais navegantes”. Apenas Proteu parecia não estar no mesmo estado de ânimo dos demais membros da “divina companhia”, mas quando tenta dizer algo dissonante acaba sendo impedido de falar por Tétis (estrofe 36).

Assim, de acordo com Ivan Teixeira, é

[...] possível supor, portanto, que Bento Teixeira pretendeu compor em seu poema o canto que Proteu deixou de proferir no episódio de Camões, pois aí, querendo falar, o deus multiforme cala-se, dissimulando o receio de tomar, contra todos, o partido dos portugueses na assembleia marítima, tal como se observa na estrofe 36 do canto VI de *Os Lusíadas*.

Bem quisera primeiro ali Proteu
Dizer, neste negócio, o que sentia:
E, segundo o que a todos pareceu,
Era alguma profunda profecia.
Porém tanto o tumulto se moveu,
Súbito, na divina companhia,
Que Tétis, indignada, lhe bradou:
“Netuno sabe bem o que mandou”.

Se, na ficção camonianiana, Proteu calou a “profunda profecia” em favor dos portugueses, tirará desforra na *Prosopopeia*, pois aqui solta a voz em contínuo e aberto elogio ao suposto valor lusitano, encarnado em gente aclimatada ou nascida no Brasil³⁰.

Desse modo, Bento Teixeira teria feito da *Prosopopeia* de Proteu uma oportunidade para dar voz ao deus que foi calado por Tétis em *Os Lusíadas*.

Por outro lado, Adma Muhana observa que “para a construção da sua epopeia, Teixeira se vale do mesmo recurso que Camões para contar o passado histórico, mas de modo verossímil” e, segundo a

29. *Idem, ibidem*.

30. *Idem*, p. 21.

autora, “tal recurso é torná-lo futuro”³¹. Devido a esse dispositivo, em *Os Lusíadas* há a estratégia de essa parte da narrativa ocorrer por meio do relato de Tétis, e na *Prosopopeia* também encontramos uma profecia *post factum*, só que feita por Proteu.

Assim, no poema camoniano, Tétis interrompeu Proteu em nome de Netuno, enquanto que na *Prosopopeia* ela apenas é mencionada e não chega a ter uma fala sequer. Isso deixa ainda mais evidente a escolha de Bento Teixeira de deixar Proteu falar quase que exclusivamente em seu poema – uma espécie de “desforra” do que lhe acontece no poema camoniano.

Muhana, portanto, observa a funcionalidade de um narrador do substrato mitológico e Teixeira identifica o porquê da escolha de Proteu, ambos tendo como base a comparação da *Prosopopeia* com *Os Lusíadas*. A diferença do posicionamento de ambos os críticos em relação à tradição em torno da *Prosopopeia* reside no fato de que ambos percebem a relação entre essa e *Os Lusíadas* como um exemplo de *emulação* e não de uma cópia, ademais falha e servil.

Dessa forma, é possível validar a hipótese de Ivan Teixeira à luz do próprio conceito de *prosopopeia*. Vejamos: Marcello Moreira, em texto intitulado “Louvor e História em *Prosopopeia*”, alerta para o fato de que o “poema estrutura-se a partir do uso da *prosopopeia* e do *dialogismo*”³². *Dialogismo* é um termo de origem grega que pode ser traduzido como *sermocinação*, advindo do latim. Em algumas retóricas, *dialogismo/sermocinação* é pensado como sinônimo de *prosopopeia/personificação*.

A Retórica a Herênio³³, manual romano do século I a.C., por sua vez, tem itens separados para ambos, pois, de acordo com o livro, na *sermocinação/sermocinatio/diálogoi* “atribui-se a uma pessoa fala que se expõe conforme sua dignidade”³⁴. Já a *personificação/conformatio/prosopopeia* “consiste em configurar uma pessoa ausente como se estivesse presente, também em fazer falar uma coisa muda ou informe atribuindo-lhe ou forma e discurso ou uma ação adequadas a sua dignidade”³⁵.

O que se percebe aqui é que, por ser de definição mais ampla, o termo *prosopopeia* se sobrepôs ao termo *sermocinação*, e, em algum momento, passou-se a confundir essas duas tarefas – que a princípio não são totalmente iguais – sob o mesmo nome de *prosopopeia/personificação*.

31. Adma Fadul Muhana, *op. cit.*, “A *Prosopopeia* de Bento Teixeira: Epopeia de Derrotas”, p. 17.

32. Marcello Moreira, “Louvor e História em *Prosopopeia*”, em Ivan Teixeira (org.), *Épicos*, p. 100. Coleção Multiclássicos.

33. Anônimo, *Retórica a Herênio*, p. 303.

34. “Dignidade” aparece aqui no sentido retórico de *decoro* ou *conveniência*, tradução do grego *prepon*.

35. Anônimo, *Retórica a Herênio*, p. 307.

Do mesmo modo, outra fonte antiga, os *Exercícios Preliminares*, ou *Progymnasmata*, de Hermógenes (século II) trazem definições mais esclarecedoras para o termo:

Etopeia (êthopoia) é a imitação do caráter de uma pessoa que hipoteticamente fala; por exemplo, quais palavras Andrômaca deve dizer a Heitor. É chamada de personificação (prosôpopoia) quando personificamos uma coisa, [...] como no discurso de Aristides em que “O mar” fala aos Atenenses. A diferença é clara: na etopeia imaginamos palavras para uma pessoa real, na prosopopeia nós imaginamos uma pessoa não-existente. Chama-se de feitura de imagem (eidolopoia) quando atribuímos palavras para os mortos [...]”³⁶.

Em primeiro lugar, Hermógenes define *prosopopeia* como uma espécie de *etopeia*. Em seguida, diferencia ambas pela conceituação de *etopeia* como *uma imitação de caráter de uma pessoa real por meio de sua fala e de prosopopeia como uma fala de pessoa não existente/não real*. Uma terceira diferenciação, porém, especifica a existência de *fala atribuída a mortos*, que Hermógenes nomeia como *idolopeia*.

Nesse sentido, além do deslizamento de conceitos entre *prosopopeia*, *dialogismo* e *sermocinação*, com o passar do tempo, pode-se observar que o termo *sermocinação* foi, também, sendo substituído por *etopeia*, pois o característico da *sermocinação* é atribuir discurso ou ação *de acordo com a dignidade* do falante ou do agente. Essa ênfase na dignidade/*decoro/prepon* é o que levou a *sermocinação* a ser chamada de *etopeia*, que é, na conceituação mais ampla de Hermógenes, “*imitação do caráter de uma pessoa que hipoteticamente fala*” (grifo nosso).

Apenas para utilizar um exemplo do século XIX e demonstrar como há a permanência de certos conceitos, citemos os *Elementos de Rhetorica Nacional* de Junqueira Freire, que escreve no ano de 1852:

A prosopopeia é de dois modos. [...]

O primeiro modo recebe o nome de *dialógica* quando as personagens fantásticas falam consigo mesmas, ou com outras reais, ou fictícias.

O segundo modo recebe o nome de *idolópica* quando imagina-se falar um Deus, principalmente mitológico, ou pagão: quando mesmo evocam-se do túmulo os manes dos finados³⁷ (grifo nosso).

36. *Progymnasmata*, p. 84 (tradução e grifo nosso).

37. Luís José Junqueira Freire, *Elementos de Rethórica Nacional*, pp. 93-94.

A nomenclatura de Junqueira Freire não difere muito da de Her-
mógenes quando nomeia de *prosopopeia idolópica* o ato de imaginar a
fala de um morto e também se aproxima da *Retórica a Herênio* quando
define a figura como aquela que “introduz ficticiamente a falar pes-
soas presentes, ausentes, ou ainda não existentes”³⁸.

Como se pode observar, trata-se de algumas noções da retórica que
permaneceram em circulação no século XIX, mas que não foram acio-
nadas pelos críticos desde Varnhagen. Curiosamente, Ramiz Galvão foi
professor, no hoje chamado Colégio Pedro II, da cadeira de grego (1869)
e da de retórica, poética e literatura nacional (1870), mas também não
utilizou os conceitos da disciplina de retórica para ler a *Prosopopeia*.

De maneira geral, do século XX em diante a figura da *prosopopeia*
passou a ser entendida meramente como personificação, deixando de
lado todos aqueles conceitos mais antigos, os quais auxiliam no en-
tendimento da técnica de Bento Teixeira em seu poema. Perdeu-se,
também, a memória de que a *prosopopeia* pode ser um tipo de *exercí-
cio* ou *progymnasma* retórico.

Craig A. Gibson, ao comentar os *exercícios/progymnasmata* do
professor Libânio (314 – c. 393 d.C.), relembra que o exercício da
prosopopeia é aquele que “pede ao estudante que produza uma imita-
ção de alguém ou algo falando em uma situação particular”³⁹. Assim,
lendo a *Prosopopeia* a partir de uma abordagem retórico-poética, o
poema de curta extensão de Bento Teixeira pode ser pensado como
a realização de uma fala do deus Proteu – a que ele foi impedido de
proferir no poema de Camões, segundo a hipótese de Ivan Teixeira.

Desse modo, a origem da *inventio* desse poema de Bento Teixeira
poderia ter sido a seguinte: “quais palavras Proteu teria dito, em *Os
Lusíadas*, se não tivesse sido interrompido por Tétis?”. ●

38. *Idem*, p. 93.

39. *Libanius's Progymnasmata*, p. 355.

SOBRE A AUTORA

Ana Paula Gomes do Nascimento é doutoranda em Literatura Portuguesa na FFLCH-USP,
é também mestre em Teoria e História Literária pelo IEL- Unicamp (2012). Pesquisa
a poesia luso-brasileira produzida entre os séculos XVI e XVIII, exercitando uma
abordagem retórico-poética. Tem interesse no estudo das relações entre poética,
retórica e ética, mas também no da história do livro. Pesquisou as técnicas de *retrato
do caráter* nas *Cartas Chilenas*, atribuídas a Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810), e
atualmente investiga questões em torno do gênero da obra *Prosopopeia* (1601), de
Bento Teixeira (c. 1561-1600).

A PRIMEIRA EDIÇÃO BRASILEIRA DO “PRIMEIRO POETA BRASILEIRO”:

A PUBLICAÇÃO DE 1873 DA *PROSOPOPEIA*, ALGUMAS ROTAS DE LEITURAS
E NOVOS CAMINHOS DA CRÍTICA AO POEMA p.236

RESUMO O estudo da edição de 1873 do poema *Prosopopeia* (1601), de autoria de Bento Teixeira (c. 1561-1600), é o ponto de partida de reflexões sobre diferentes momentos da “política literária” brasileira nos termos de Antônio Soares Amora. Assim, a materialidade do impresso fornece relevantes pistas sobre o estabelecimento da leitura do autor como o “primeiro poeta brasileiro” a ganhar imprensa no Reino. Ao mesmo tempo, surge um juízo crítico segundo o qual o principal mérito do poema é histórico ou bibliográfico, mas não poético. Feitas essas reflexões, foram indicados alguns exemplos dos novos rumos das leituras do poema neste início de século XXI. Trata-se de leituras tributárias de uma abordagem retórico-poética e que se concentram na emulação de Bento Teixeira em relação a Luís de Camões (1524-1580).
SEGUNDO REINADO • PROSOPOPEIA
• “POLÍTICA LITERÁRIA” BRASILEIRA.

THE FIRST BRAZILIAN EDITION OF THE “FIRST BRAZILIAN POET”:
THE 1879 PUBLICATION OF
PROSOPOPEIA, SOME READING
PATHWAYS AND NEW PATHS
FOR POETRY CRITIQUE

ABSTRACT A study of the 1873 edition of the poem *Prosopopeia* (1601), authored by Bento Teixeira (c. 1561-1600), is the starting point for our reflections on different moments of the Brazilian “literary politics” in the terms of Antônio Soares Amora. Accordingly, the materiality of print provides relevant indications of the establishment of the author as the “first Brazilian poet” to get printed in the Empire. At the same time, a critical opinion emerged according to which the main merit of the poem is historical or bibliographical, but not poetic. Based on these considerations, we will suggest some examples of new ways to read this poem at the beginning of the 21st century. They originate from a rhetorical-poetic approach and they focus on Bento Teixeira’s emulation of Luís de Camões (1524-1580).

SECOND EMPIRE • PROSOPOPEIA •
BRAZILIAN “LITERARY POLITICS”.

REFERÊNCIAS

EDIÇÕES CONSULTADAS

- TEIXEIRA, Bento. “Prosopopeia”. *Naufrágio que Passou Jorge Dalbuquerque Coelho, Capitão e Governador de Paranambuco*. Lisboa, por Antônio Álvares, 1601. Disponível em: <http://purl.pt/22627/4/res-392-p_PDF/res-392-p_PDF_24-C-R0150/res-392-p_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf>. Acesso em: 22 de jan. 2018.
- _____. *Prosopopeia*. Org. por Benjamin Franklin Ramiz Galvão. Rio de Janeiro, Typographia do Imperial Instituto Artístico, 1873. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000009157&bbm/4060#page/1/mode/2up>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

_____. “Prosopopeia”. *Épicos*. Org. por Ivan Teixeira. Introd. João A. Hansen. São Paulo, Edusp/Imprensa Oficial, 2008 (Coleção Multiclássicos).

RECEPÇÃO CRÍTICA DA PROSOPOPEIA

- AMORA, Antônio Soares. “A *Prosopopeia*, de Bento Teixeira, à Luz da Moderna Camonologia”. In: *Miscelânea de Estudos em Honra do Professor Hernâni Cidade*. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1957, pp. 402-409.
- BRITO, Bernardo Gomes de. *História Trágico-Marítima*. Tomo segundo. Lisboa, Officina da Congregação do Oratório, 1736. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/01484400>>. Acesso em: 14 jun. 2017.
- MORAES, Rubens Borba de. “Muitas Perguntas e Poucas Respostas sobre o Autor da *Prosopopeia*”. Comentário, ano V, vol. 5, 1º. trimestre, n. 1(17), pp. 78-88. 1964.
- MOREIRA, Marcello. “Louvor e História em *Prosopopeia*”. *Épicos*. Org. por Ivan Teixeira. Introd. João A. Hansen. São Paulo, Edusp/Imprensa Oficial, 2008 (Multiclássicos).
- MUHANA, Adma Fadul. “A *Prosopopeia* de Bento Teixeira: Epopeia de Derrotas”. In: *Anais do XIX Encontro Brasileiro de Professores de Literatura Portuguesa*. Curitiba, 2003. Disponível em: <<http://www.cep.ufpr.br/arquivos/ABRAPLIP.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2018.
- REVISTA TRIMENSAL do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil. Tomo XXXV, parte segunda. Rio de Janeiro, Garnier, 1872.
- SOUSA, José Galante de. *Em Torno do Poeta Bento Teixeira*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1972.
- TEIXEIRA, Ivan. *Raízes*. Seleção e prefácio de Ivan Teixeira. São Paulo, Global, 2008, pp. 7-38 (Roteiro da Poesia Brasileira).
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilégio da Poesia Brasileira, ou Collecção das Mais Notáveis Composições dos Poetas Brasileiros Falecidos, Contendo as Biographias de Muitos Delles, Tudo Precedido de um Ensaio Histórico sobre as Lettras no Brazil*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1850, 3 vols.
- _____. *Florilégio da Poesia Brasileira, Contendo, um Novo Suplemento, com Produções de Vinte e Quatro Poetas Ainda Não Contemplados*. Viena, Typographia do filho de Carlos Gerold, 1872.

DEMAIS OBRAS CONSULTADAS

- ANÔNIMO. *Retórica a Herênio*. Trad. Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo, Hedra, 2005.
- FLEIUSS. In: *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo, Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa23124/fleiuSS>>. Acesso em: 22 jan. 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.
- FREIRE, Luís José Junqueira. *Elementos de Rhetorica Nacional*. Rio de Janeiro, Eduardo & Henrique Laemmert, 1869.
- GIBSON, Craig A. (ed.). *Libanius's Progymnasmata: Model Exercises in Greek Prose Composition and Rhetoric*. Translated with an introduction and notes by Craig A. Gibson. Atlanta, Society of Biblical Literature, 2008.
- HANSEN, João Adolfo & MOREIRA, Marcello. *Para que Todos Entendais: Poesia Atribuída a Gregório de Matos e Guerra: Letrados, Manuscritura, Retórica, Autoria, Obra e Público na Bahia dos Séculos XVII e XVIII*. Belo Horizonte, Autêntica, 2013.
- MACHADO, Diogo Barbosa. *Biblioteca Lusitana Histórica, Crítica, e Cronológica. Na Qual se Compreende a Notícia dos Autores Portuguezes...* New Jersey, Greg Press, 1965 [1741], 4 vols.
- MINDLIN, José. “Rubens Borba de Moraes: Um Intelectual Incomum”. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, vol. 79, n. 192, pp. 108-111, maio-ago. 1998.
- MORAES, Rubens Borba de. *Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro/São Paulo, Livros Técnicos e Científicos/Secretaria de Cultura, 1979.
- KENNEDY, George Alexander (ed.). *Progymnasmata: Greek Textbooks of Prose Composition and Rhetoric*. Leiden, Brill, 2003 (Writings from the Greco-roman world, vol. 10).